

Slackline no CIEJA: não é para melhorar o equilíbrio, é porque é ...

Jacqueline Cristina Jesus Martins¹
Adriana Alves Martins²
Amanda Rossi Gomes³
Aline Aparecida Gama Vieira⁴
Nathalia Campelo Ferraz Guirao⁵
Rayssa Fernandes Rojas⁶
Valeria Santos Peso⁷

A experiência aqui narrada ocorreu entre os meses de fevereiro e abril de 2017, nas turmas de módulos 1 (etapa de alfabetização), módulos 2 (etapa básica) e módulos 3 (etapa complementar) da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA), unidade educacional que contempla apenas a modalidade EJA nos períodos da matutino, vespertino e noturno.

O CIEJA Aluna Jessica Nunes Herculano⁸ fica localizado na região do Butantã, às margens da Rodovia Raposo Tavares e possui algumas particularidades como a ausência de espaço físico no interior da escola para a realização das aulas de Educação Física, um grande número de estudantes com deficiência e as turmas frequentam as aulas de Educação Física uma vez por semana. Durante o período de duração do trabalho, as graduandas do curso de Pedagogia da FEUSP, que participam do subprojeto *O trabalho colaborativo para a construção de práticas corporais inclusivas em escolas de educação infantil e ensino fundamental I* do PIBID⁹, envolveram-se em todas as atividades, o que foi de grande importância, pois acompanharam os momentos de reflexão sobre as aulas,

¹ Professora de Educação Física no CIEJA Aluna Jessica Nunes Herculano e Professora Supervisora do PIBID.

^{2, 3, 4, 5, 6 e 7} Bolsistas de Iniciação à Docência

⁸ Jessica Nunes Herculano era uma jovem com Síndrome de Willians, que foi aluna do CIEJA Butantã (nome antigo do Centro). Em 2010, aos 19 anos, Jessica faleceu com complicações após um transplante cardíaco. Posteriormente ao seu falecimento, e reconhecendo a importância daquela escola na vida de Jessica, a sua mãe solicitou que a escola recebesse o nome de sua ex-aluna. A partir dos tramites legais, a partir de 12/05/2011 o CIEJA passou a ter o nome de Jessica.

⁹ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - Programa do Governo Federal, coordenado pela CAPES que tem como principais objetivos: o incentivo à formação inicial de professores; a valorização do magistério; a melhoria da qualidade da educação básica; promover o diálogo entre a Educação Superior com a Educação Básica do sistema público; ascender à qualidade das ações acadêmicas direcionadas à formação inicial de professores nos cursos de licenciaturas das IFES (Instituições Federais de Educação Superior).

planejamento, organização dos registros e das formas de avaliações, isso nos possibilitou a construção coletiva do trabalho, algo relevante para que as ações didáticas fossem pensadas e realizadas.

Compuseram as turmas os jovens, adultos e idosos. Dentre eles, havia 30 estudantes com deficiência.: 17 com deficiência intelectual, 6 com Síndrome de Down, 4 com deficiências múltiplas – associando deficiência intelectual e física, 2 usuários de cadeira de rodas, 1 estudante surda, 1 com Síndrome de Pader – Willi e 1 com transtorno do espectro autista. Acreditamos ser importante relatar aqui a presença desses estudantes, para que possamos mostrar que é possível a sua participação nas aulas, necessitando em alguns momentos de adaptação ou de algum apoio, o que nos remete ao conceito de flexibilização.

Após a apresentação da escola e dos atores que construíram o trabalho, passemos a narrar a experiência realizada, e logo o primeiro ponto a ser apresentado é: por que escolhemos estudar o slackline. Antes de mais nada, é preciso deixar claro que não foi uma escolha arbitrária ou pré-determinada, mas uma seleção feita a partir das observações realizadas durante as ações didáticas realizadas com os estudantes.

Em nossas primeiras aulas com cada uma das turmas, relembramos o que foi estudado nos anos anteriores, relatando também o que mais gostaram e o que tiveram dificuldades nas tematizações anteriores¹⁰. A maioria das falas deram destaque a práticas corporais que trouxessem “melhoria” para o próprio corpo, ou seja, com exercícios individuais. Se interessavam por atividades aeróbicas, exercícios de força, de equilíbrio e de flexibilidade. Esses interesses sempre aparecem entre os estudantes mais velhos nas turmas da EJA, mas é preciso levarmos em consideração que já havíamos estudado as práticas ginásticas durante um ano, contemplando esse interesse, e acreditávamos que era importante conhecermos outras práticas corporais, na intenção de atender outros grupos presentes nas turmas.

Prosseguindo com o mapeamento, nas aulas seguintes realizamos vivências a partir das falas apresentadas inicialmente. Atividades de alongamentos, exercícios de equilíbrio e exercícios de força. Pretendíamos com essas novas vivências identificar a possibilidade de uma prática corporal a ser tematizada que se relacionasse com o patrimônio cultural da comunidade. Durante essas aulas, observamos as propostas que desafiavam os estudantes foram bem recebidas, principalmente as que testavam o

¹⁰ Em 2015 tematizamos as práticas ginásticas e em 2016 tematizamos no primeiro semestre o atletismo nos jogos olímpicos e paralímpicos e no segundo semestre o vôlei de idosos.

equilíbrio. Diante dessa constatação, na aula seguinte, nos propusemos a vivenciar práticas corporais que utilizassem o equilíbrio como princípio, utilizando de diferentes aparelhos, como o bozu, banco sueco, bola de pilates, almofada de equilíbrio e slackline.

Dando continuidade ao trabalho, com a disponibilidade de materiais desconhecidos pela maioria dos estudantes, as vivências foram interessantíssimas. Pessoas com muitas dificuldades de mobilidade se arriscando nos aparelhos, os mais jovens interessados pelos desafios, as pessoas com deficiência necessitando apenas de apoios para realizarem as atividades. Percebemos, então, que ali havia alguma potencialidade de seleção de uma prática a ser tematizada. Durante essas aulas, organizamos a atividade de uma forma a garantir um revezamento entre os estudantes, para que todos pudessem experimentar as sensações promovidas pelos diferentes aparelhos. Ao final da aula, perguntamos qual dos materiais tinham gostado mais e se havia diferenças entre eles, além de solicitarmos sugestões para próxima aula, com o objetivo de planejar as atividades de maneira democrática, abrangendo os interesses dos estudantes.

Nessas conversas, percebemos em todos os grupos avaliações positivas sobre as práticas experimentadas. Esses diálogos nos permitiram ter maior visibilidade sobre os conhecimentos dos estudantes das possibilidades trazidas pela temática do equilíbrio. Alguns relacionaram a prática do pilates, outros da ioga, mas percebemos que um aparelho havia atraído uma maior parcela dos estudantes, o slackline. Quando perguntamos, nenhum estudante sabia o nome do objeto, porém informaram que já haviam visto em parques, praias e na televisão, inclusive citaram uma novela onde um dos personagens era instrutor de slackline.





Ainda no processo de definição da prática a ser tematizada, levamos em consideração os nossos estudos do PEA¹¹, que estava tratando de uma questão crescente na EJA: o aumento da quantidade de jovens nessa modalidade de ensino. Os estudos realizados nos nossos horário de formação coletiva revelaram o quanto esse público vem sendo negligenciado nas aulas, quase sempre nos atentamos mais às particularidades dos mais velhos e das pessoas com deficiência, deixando de lado os interesses dos mais jovens. É fato que nos módulos 1 e 2 a presença desses estudantes é pequena, porém eles também precisam ser contemplados nas nossas tematizações, e ao avaliar os percursos das Educação Física nos últimos anos, percebemos que pouco tematizamos as práticas corporais pertencentes ao universo cultural juvenil.

Diante do interesse pelo slackline e do reconhecimento da existência dessa prática na sociedade, a curiosidade despertada, e também pela participação e envolvimento dos estudantes mais jovens, decidimos pela tematização em nossas aulas de Educação Física.

Elencamos como objetivos gerais do trabalho: conhecer, ressignificar, aprofundar e ampliar os saberes dos alunos a respeito da prática do slackline. E como objetivos específicos: experimentar e vivenciar o slackline; reconhecer as diferentes formas de praticar o slackline; analisar como a prática corporal acontece em nossa sociedade.

Iniciando os estudos sobre o slackline, enfrentamos a primeira dificuldade para a realização do trabalho, a existência de apenas um slackline. Pensando em minimizar o problema, e também com a intenção de ajudar os estudantes que possuem mobilidade reduzida, juntamente com o slackline disponibilizamos outros materiais que proporcionassem a sensação de desequilíbrio/equilíbrio de uma forma mais fácil, pois considerávamos importante que as pessoas se sentissem seguras para experimentar o aparelho. É importante ressaltar que temos estudantes idosos, na faixa dos 80 anos, e isso

¹¹ Projeto Especial de Ação – momentos de formação coletiva em que se estuda e discute possibilidades de ações e intervenções em determinados temas presentes na escola.

requer um cuidado nas questões de segurança na realização das atividades, pois uma queda pode trazer graves consequências. Durante todo o trabalho, nos oferecemos para ajudar todos os estudantes em todos os momentos, na tentativa de que se sentissem seguros para as experimentações. Como parte das estratégias para driblar as dificuldades pela existência de apenas um slackline, acrescentamos nas primeiras aulas alguns objetos para a colaboração da realização das atividades, colocamos dois “caibros¹² e uma corda esticada no chão para possibilitar as vivências. Essa primeira proposta nos ajudou a problematizar as diferenças de equilíbrio. Alguns grupos se posicionaram dizendo que realizar esses exercícios de andar sobre a trave de equilíbrio ou sobre a corda, ajudaria na melhoria do equilíbrio e, conseqüentemente, facilitaria andar no slackline, já outro grupo se posicionou dizendo o contrário, pois pelo fato de serem fixos não ajudariam em nada, pois o slackline era “bambo”.

Outro ponto positivo dessa primeira vivência foi o fato de garantir que os estudantes com deficiência realizassem as atividades sem a necessidade de adaptação, apenas flexibilizando a sua participação com o uso de um apoio, muitas vezes, conseguiram realizar a proposta sozinhos e, ao nosso olhar, isso é importante para o reconhecimento de que esses estudantes podem participar das aulas realizando as mesmas práticas que os demais, conferindo-lhes a garantia dos seus direitos.

No dia da aula em que experimentamos as várias possibilidades de equilíbrio, o estudante usuário de cadeira de rodas foi ajudado pelos colegas da turma que o tiraram da cadeira e o colocaram em cima do slackline para que ele pudesse experimentar a sensação, mesmo sabendo que seria difícil tirá-lo da cadeira em muitos momentos e em todas as aulas. Para solucionar essa questão, levamos os caibros adquiridos ao marceneiro e solicitamos que fizesse um corte em diagonal, transformando-as em rampas de acesso para as rodas da cadeira.

¹² Madeira utilizada na construção civil, que foi comprada pela escola para a realização das atividades.



Na aula seguinte, surgiu mais uma dificuldade. O dia estava chuvoso, e, portanto, não conseguimos montar o slackline na rua. Retomamos a proposta da aula anterior, só que dessa vez dentro da sala, o que foi um pouco difícil por conta do espaço, porém era o único lugar possível para a realização das vivências. Na tentativa de proporcionar outras experiências, acrescentamos diferentes formas de se equilibrar sobre os materiais (frente/costas/ponta de pé/ com o calcanhar), ora facilitando, ora dificultando a passagem, sempre considerando e reconhecendo as especificidades de todos os estudantes. Também perguntávamos se o estudante gostaria de algum apoio, em caso positivo, auxiliávamos. Dessa forma, deixávamos que eles se sentissem à vontade para experimentar da forma que achassem mais seguro. Nessa aula uma estudante caiu e isso refletiu na desistência de vários estudantes que não queriam mais participar, por medo e receio de se machucarem. Ao final da aula, em nossas reflexões, apontamos que precisamos pensar em soluções para despertar o interesse e atenção dos estudantes e ficarmos mais atentas no quesito da segurança, pois isso poderia gerar um desinteresse pela tematização do slackline.



Iniciamos a próxima aula assistindo a alguns vídeos com imagens do slackline em diferentes situações: um tutorial onde a pessoa ensina como se anda no slackline, um vídeo com uma competição e uma com uma apresentação¹³. O objetivo da atividade era que os estudantes vissem como essa prática acontece no contexto social, na tentativa de ressignificar o que eles imaginavam sobre ela, ou seja, compreendessem que o slackline não é uma prática para melhoria do equilíbrio, pois tem um fim em si mesma¹⁴. Em seguida, debatemos o que foi apresentado, sendo um momento rico de trocas de conhecimento. Na sequência, fomos para as atividades realizadas na rua, começando com uma caminhada em volta do quarteirão da escola - atividade muito solicitada pelos estudantes - e retomando as experimentações no slackline, reforçando a todo o momento a recapitulação das informações dos vídeos, principalmente, as dicas. Durante essa aula, muitos estudantes se remetiam aos colegas informando sobre o que haviam visto nos vídeos. “Arruma o pé!”, “Dobra o joelho”, “Olha pra frente”. Foi interessante ver como eles haviam se apropriado das informações. Alguns também se entusiasmaram em tentar a travessia sem o uso do apoio.

Em contrapartida, os estudantes com deficiência não conseguiram se concentrar durante a apresentação dos vídeos e não conseguimos pensar em alternativas que solucionassem esta dificuldade. Para tentar minimizar o obstáculo exposto nos momentos de assistências aos vídeos, imaginamos que enquanto os demais estudantes caminhassem no entorno da escola, retomariamos no próprio slackline as dicas apresentadas nos vídeos

¹³ O vídeo utilizado está disponível em https://www.youtube.com/watch?v=Oc__gYAxIRI

¹⁴ Slackline é um esporte de equilíbrio sobre uma fita elástica esticada entre dois pontos fixos, o que permite ao praticante andar e fazer manobras por cima. Algumas variações de Slackline incluem “Waterline” (**Slackline** sobre água) e “Highline” (Slackline em grandes alturas, como por exemplo montanhas e pontes).

com a intenção de ajudá-los a aprofundar os conhecimentos sobre a prática corporal. Contudo, todos eles quiseram ir à caminhada junto com o restante da turma, se recusando a fazer uma atividade à parte. Essa atitude acabou promovendo uma autocrítica sobre a maneira que estávamos conduzindo a aula.

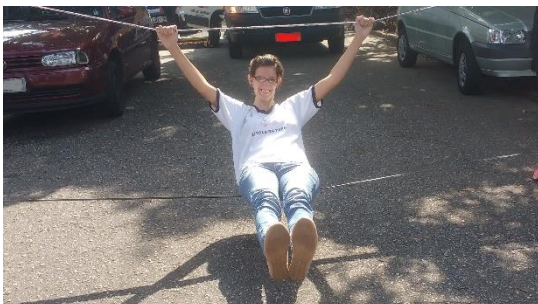
Por pertencerem ao grupo e os demais estudantes estarem realizando a caminhada, eles também queriam fazer a mesma atividade. Isso nos mostra o quanto esses estudantes se sentem parte da turma e querem participar das aulas da mesma forma que os demais. Avaliamos positivamente o fato, o que mostra que mesmo com uma atitude em que estaríamos acreditando que seria benéfica, qual seja, receber as informações contidas nos filmes, para eles, o mais importante é estar junto com o seu agrupamento. A partir daí, seguimos todos para a caminhada. Em uma das turmas, a empolgação durante as vivências no slackline foi tamanha que ao final da aula não quiseram voltar para a sala, solicitaram um tempo a mais para as vivências e foram atendidos.

Iniciada a tematização do slackline, alguns estudantes passaram a comentar que haviam observado a presença dessa prática corporal em parques, praias, e um estudante que trabalha na região da avenida Paulista, afirmou que aos domingos a prática acontece, mas de uma forma um pouco diferente daquelas que assistimos, pois pelo fato de ser muito alto e embaixo ser asfalto, eles ficam “amarrados à fita ” com um material de segurança. Foi interessante perceber que eles já identificavam os locais e as diferentes formas de praticar o slackline. Alguns começaram a perguntar os valores dos equipamentos, onde se adquiria, e um estudante demonstrou interesse em comprar um para levar quando fosse à praia, pois afirmava que com areia embaixo se sentiria mais seguro nas experimentações.

Em algumas turmas, o interesse pelo slackline foi aumentando e, de vez em quando, os estudantes solicitavam uma ida ao parque para realizarmos a vivência em um espaço onde o solo fosse mais seguro, pois muitos tinham medo de se machucar caso caíssem no asfalto.



Na continuidade, experimentamos outros modos de se praticar o slackline para além da travessia. Queríamos arriscar manobras e saltos conhecidos como *truckline*, modalidade vista nos vídeos, mas nos faltou coragem e um espaço mais seguro. Alguns estudantes sugeriram que colocássemos colchões embaixo, mas não possuíamos esses materiais na escola. Também contribuiu para a dificuldade de vivenciar o *truckline* o tipo de fita de que dispúnhamos. Durante as pesquisas, detectamos tipos distintos de fitas, e a nossa não era adequada para saltos e manobras. Assim, tentamos apenas permanecer parados, sentados ou equilibrar-se em uma perna só. Isso permitiu aprofundar os conhecimentos das técnicas empregadas no slackline, saber que o esporte não é apenas atravessar a fita, mas também a possibilidade de realizar saltos e manobras.





Com o decorrer das aulas, mais estudantes traziam informações sobre o tema, na maioria das vezes obtidas nos programas televisivos, pois naquela época do ano uma emissora estava exibindo uma série chamada Circuito Radical¹⁵ com reportagens que contemplaram essa modalidade e suas variações, como o waterline (versão onde a fita é esticada sobre um rio, mar ou lago e são feitas os saltos e manobras).

Com o passar das aulas começamos a perceber que já não estávamos conseguindo proporcionar atividades que contribuíssem para a ampliação e o aprofundamento dos conhecimentos do slackline pois as limitações físicas, espaciais e de materiais impediam os estudantes de se arriscarem mais para, a partir daí, provocarmos novas problematizações. Ao percebermos que as aulas já estavam se tornando cansativas para os estudantes e, com a intenção de finalizar o trabalho, organizamos uma ida ao parque para realizar uma vivência em condições semelhantes àquelas narradas por alguns dos participantes.



¹⁵ Vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=quPED0qaD28>

Infelizmente, o dia agendado amanheceu chuvoso, impossibilitando a saída. Acabamos realizando as vivências dentro da sala e encerrando o trabalho com uma conversa sobre o que havíamos estudado. Lançamos aos grupos as seguintes questões: Como foi estudar o slackline nas aulas de Educação Física? Já conheciam essa prática corporal antes das nossas aulas? Em caso positivo, onde viram? O que sentiram ao experimentar o slackline? O que aprenderam durante as aulas? Quem pode praticar o slackline?

De forma geral, a avaliação dos estudantes foram positivas, com respostas entusiasmadas por terem a oportunidade de vivenciar uma prática corporal nova. Em algumas falas percebemos um certo grau de satisfação por terem experimentado uma prática corporal diferente. “Já tinha visto no parque, mas nunca pensei que teria a oportunidade de fazer, foi muito bom!”. A maioria dos estudantes conheceu o slackline na escola. Apenas uma jovem estudante já havia tido contato com a prática. O nome slackline ainda se apresenta como algo difícil, muitas vezes, perguntam como se chama. Percebemos que a prática não foi representada como específica dos jovens ou que os idosos não poderiam participar. Fizeram leitura que o exercício e a experiência fariam com que as pessoas conseguissem realizar a travessia sem a ajuda de algum apoio. Isso não significa que todos os estudantes experimentaram o slackline. Dona Mitiko¹⁶, uma senhora de 85 anos, não se sentia segura em subir na fita mesmo com o nosso apoio e incentivo. Durante todo o trabalho ela participou das atividades nas traves de equilíbrio, nas assistências dos filmes, nos momentos de alongamento. Além do seu receio em se machucar, havia uma certa dificuldade na comunicação, pois mesmo morando no Brasil há muitos anos, em sua casa ela só falava japonês. O que a levou à escola foi o interesse de aprender o português.

A respeito das sensações oriundas das vivências no slackline, foi interessante perceber como as experiências geraram diferentes impressões. Algumas afirmaram que se sentiram desafiadas a vencerem seus medos e suas inseguranças, outras afirmaram que ao ver determinado colega realizando a travessia se sentiram instigados a realizá-la, outros não gostaram da sensação da perna “tremendo” e houve quem dissesse que o medo e a insegurança fizeram desistir da travessia. Apesar das diferentes sensações, muitos estudantes que não quiseram se arriscar, colaboraram com o trabalho de outras formas, ajudando os demais colegas como apoio. Nesses momentos percebemos o quanto os

¹⁶ O nome foi alterado para preservar a identidade da estudante.

estudantes com deficiência colaboraram com os grupos. Em diversas ocasiões, ajudaram os colegas sem deficiência. Novamente constatamos o quanto eles estão se sentindo incluídos de fato nas aulas.

Pelo slackline ser uma modalidade que gera a vertigem, sensação de desequilíbrio e medo de cair, precisávamos garantir essas sensações para os estudantes usuários de cadeira de rodas. E como fazer isso? Acreditamos que a estratégia de usar as madeiras como traves de equilíbrio onde subíamos as cadeiras trouxe o resultado esperado. Em muitas aulas notamos nas faces desses estudantes as mesmas sensações descritas pelos demais alunos. Sorrisos, temores, olhos fechados, enfim, percebemos o quanto estavam experimentando novas sensações advindas da prática corporal.



Finalizado o trabalho, avaliamos que a ênfase recaiu nas vivências do slackline. Acreditávamos que a partir dessas experimentações surgiriam possibilidades de problematização e, com isso, poderíamos aprofundar, ampliar e ressignificar a prática corporal, mas não conseguimos alcançar esse intento. Também contamos que a falta de um conhecimento sobre a modalidade - os estudantes tinham poucas representações sobre o slackline e sobre os seus praticantes - prejudicou as atividades de problematização e ressignificação mas, em contrapartida, essas poucas representações colaboraram na construção das práticas inclusivas.

Consideramos como ponto positivo, a oportunidade desses estudantes conhecerem e vivenciarem uma prática que poucos conheciam de longe, mas que não se imaginavam praticando. Idosos, adultos e jovens com ou sem deficiências puderam conhecer um pouco mais sobre o esporte, sem qualquer tipo de segregação ou classificação. Apesar

dos poucos momentos de ampliação e aprofundamento dos conhecimentos, avaliamos que passaram a entender a prática corporal não como uma atividade para a melhoria do equilíbrio, mas como uma prática corporal onde os participantes a realizam pelo prazer proporcionado, pelos desafios gerados, sem um caráter instrumental. Acreditamos que o trabalho realizado gerou diferentes experiências para cada estudante e isso soa como algo positivo. Apesar das dificuldades enfrentadas ao longo do percurso, as falas dos estudantes durante os trabalhos e na avaliação final nos fazem ver que a Educação Física no CIEJA Aluna Jessica Nunes Herculano vem se configurando como um espaço de garantia de participação de todos os estudantes.